

TEXTOS CRÍTICOS
/CRITICAL ESSAYS/

ANA AMÉLIA GENIOLI

des.norte

por Diego Contreras Novoa

Ao seguir a articulação de uma peça de arte, o trânsito percorrido, desde a necessidade e o intuito que um artista tem de agenciá-la até sua concreção, exposição e difusão, pode ser descrito numa variedade de atividades que se entrelaçam, conformando uma urdidura com a qual se articula a trama de um acontecimento. Esboçar e bordar; esquematizar e desenhar; projetar e imprimir são atividades que diluem os ambíguos limites entre pensamento e ação; entre as indistinguíveis fronteiras que separam o que se supõe que pertence à mente daquilo que se supõe que pertence ao corpo, o que, por sua vez, possibilita concretizar o que às vezes é considerado como inexpressável. Os atos de caminhar e o de criar excedem as palavras que os definem e é aí que o papel (um mapa, um rascunho, uma fotografia, etc.) acontece como mediador, como um terceiro agente, o que se andou e o que se tem andado.

Mas todo mapa precisa de um norte?

Tendo essa pergunta como bússola, a exposição des.norte, da artista e arquiteta Ana Amélia Genioli, transita os tracejados caminhos da produção artística dando um sentido – às vezes conceitual e às vezes cardinal – aos atos de criação, mesmo sabendo que ter um rumo ou um sentido não é necessariamente ter um ponto particular de partida ou de chegada. Ações se desdobram em desenhos análogos às plantas arquitetônicas; bordados trazem o sentido da palavra con-texto na sua forma mais literal; monotipias articulam a cor como se fossem agulhas imantadas. Tudo sem precisar seguir as impostas – e por vezes arbitrárias – “orientações” e “diretrizes” de um norte global, colonialista e apropriador, que impõe um Brasil sem rumo próprio.

As diversas atividades que Ana Amélia realiza se levantam na procura de outros pontos cardinais que possam dar sentido a outros rumos, que podem ser seguidos em uma espécie de alteridade da paisagem: uma paisagem outra.

Neste catálogo, serão apresentados os processos pelos quais os corpos da produção e da artista percorrem essa paisagem outra e a inscrevem em desenhos, monotípias e bordados para acompanhar/guiar as pessoas que visitam a exposição. Também nesta publicação serão apresentados olhares de diferentes lugares e práticas discursivas, como são a geologia, a teoria semiótica de corpomídia e a arte.

Como assistente do ateliê de Ana Amélia, tenho acompanhado seu processo criativo por mais de um ano. Durante esse período, decidimos conduzir a produção do ateliê operando com um “germinador de pesquisa” que, tal qual uma planta, gera consciência de si mesma por meio de seus sensores, procurando tratar a produção criativa como um corpo em constante movimento. Movimento que é seguido de pequenos gestos plásticos, estéticos e poéticos que, ao longo do ano, buscaram pensar a produção desde outros rumos, desde o desorientado, desde o desnorte, desde um sul no qual é possível imaginar outras formas de se estar no mundo.

Diego Contreras Novoa

Artista plástico e ceramista com experiência em docência universitária e gestão de projetos artísticos e culturais. Formado em Artes Plásticas pela Universidad Nacional de Colombia (UNAL, 2014), com Mestrado em Artes na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, 2018), desde 2015 compõe o grupo de pesquisa ESTEPA (Espacio, Tecnología y Participación), da Universidad Nacional de Colombia.

des.norte

by Diego Contreras Novoa

The development of a work of art, from its conception to its fruition and exhibition, can be described in a variety of activities that interlace, coming together to weave whatever it may come to be. To sketch and to embroider, to plan and to draw, to project and to print are all actions that blur the already ambiguous barriers between thought and action, between the indistinguishable frontiers that separate that which one assumes belongs to the mind from that which belongs to the body. And that, in turn, allows us to express what is often ineffable. The acts of walking and creating go beyond the words that define them, and that is where the paper (a map, a sketch, a photograph etc.) acts as a medium, as a third agent, as that which has been trodden upon and that which is tread upon.

But does every map need a North?

With this question acting as a compass, the exhibition des.norte, by artist and architect Ana Amélia Genioli, weaves its way around the dashed paths of the artistic production, giving a sense that is sometimes conceptual, and other times cardinal to the acts of creation, while bearing in mind that having a goal or a destination doesn't necessarily mean having a beginning or an ending point. Actions unfold in the form of drawings that evoke architectural plans; pieces of embroidery reveal the most literal meaning of the word context and monotypes manipulate colors as if they were magnetized needles. All of that without being shackled to the imposed and sometimes arbitrary "orientations" and "regulations" forced upon us by a global, colonialist North, joined with a directionless Brazil.

The many activities proposed by Ana Amélia rise in search of other cardinal directions that may reveal other possible routes, bringing forth the impression of alterity, of a landscape that belongs to otherness.

In this catalog, the processes through which the bodies of production and of the artist tread this other landscape will be presented, as well as how these processes translate into drawings, monotype prints and pieces of embroidery to guide/ accompany those who visit the exhibition. Also, in this publication, different points of view, such as those from the fields of Geology, Semiotic theory of Corpus Media and Art will be presented.

As Ana Amélia's studio assistant, I have followed her creative process for more than a year. During this period, we have decided to consider our production in the studio as a "seedbed for research" in the sense that, much like a plant that generates self-consciousness through its sensors, we have tried to tackle artistic creation as a body in constant movement. This movement is followed by small visual gestures, aesthetic and poetic in nature, that have attempted, throughout the year, to express the artistic creation in different ways, from the "disorient" and from a kind of "un-North" to a South where it's possible to imagine new ways to exist in the world.

Diego Contreras Novoa

Visual artist and ceramicist with experience as a university scholar and manager of cultural and artistic projects. He is a National University of Colombia graduate (UNAL, 2014) in Visual Arts, with a master's degree from Federal University of Espírito Santo (UFES, 2018) in Arts. Member of the research group ESTEPA – Espacio, Tecnología y Participación – of the National University of Colombia since 2015.

des.norte: UM DIÁLOGO ENTRE AS CIÊNCIAS DA TERRA E A ARTE

por Guilherme Navarro D. Tavares

A trajetória dos rios e a transformação das paisagens acompanham os registros e marcas no trabalho de Ana Amélia Genioli. Vê-se, em *des.norte*, movimentos fluidos que resultam da interação entre pigmentos em meio líquido e a folha de papel que lhes serve de anteparo, em contraposição a formas deliberadas. O resultado se assemelha a padrões de drenagem, como os observados em imagens aéreas, de satélite ou cartas topográficas, originados da interação entre clima, rochas e as estruturas formadas ao longo do tempo geológico.

Tal como nas formações rochosas, os processos de criação são registrados em macro e microescala. Os traçados originais da artista funcionam como uma rede hidrográfica, assemelhando-se ao que, na natureza, seriam canais entrelaçados, associados às regiões de baixa cobertura vegetal, que resistem às condições climáticas áridas, ações antrópicas e de aporte de sedimentos grosseiros. O debater de elementos observados acima compõe o ciclo das rochas, no qual

a formação de cadeias montanhosas e sua redução às planícies se baseiam na dinâmica interna e externa do planeta.

A dinâmica interna promove a subsidência e soerguimento de continentes que, aliados à água líquida, dão início a um ciclo de reciclagem da crosta continental. Inicialmente, rios se instalam como vales encaixados em regiões elevadas e como meandranes em regiões planas. Analogamente, podemos investigar e compreender o percurso das partículas de pigmento no trabalho de Ana Amélia, observando o detalhe das telas, que reflete um padrão de drenagem por vezes dendríticos, por vezes em treliça, e as incisões, que representariam as famílias de fraturas nas rochas, tais como em afloramentos gnáissicos. As marcas encarnam um universalismo que toma a forma e, assim como na geologia, fissuras, deformações e marcas de movimentos tectônicos de grande escala são grafados até a menor das escalas. A convergência entre as formas é fruto da técnica utilizada pela artista, que foge aos moldes tradicionais da monotipia, usando uma placa de vidro e tintas bastante líquidas, que promovem a imprevisibilidade dos resultados, posteriormente marcadas na folha de papel aplicada sobre a superfície.

Nos processos geológicos, a dinâmica externa tem no intemperismo e na erosão o trabalho de desconstruir e transportar rochas de um ponto a outro, reduzindo rochas a seixos, e seixos a grãos. A cada morro que se vê, sabe-se que muito foi levado, e o resto ainda será. O transporte é espontâneo e às baixadas têm-se a deposição e reconstrução das novas rochas, cujos grãos são conectados por diferentes cimentos naturais. A investigação dos registros de Ana Amélia, tais como de processos naturais, não apresentam “nenhum vestígio de um começo, nenhuma perspectiva de um fim” e observar o trabalho passa a ser uma releitura da natureza, em interações de um mapa conectável a diferentes dimensões.

O impacto das sobreposições dos pigmentos e seu percurso, que remetem à causalidade entre a técnica utilizada e a repetição do processo ao longo dos anos, não reduzem a imprevisibilidade do resultado. Assim como nos processos erosivos, os agentes de transporte são registrados e apagados, num debate entre construção e desconstrução, porém, frente a hiatos temporais, uma única camada registra um único tempo e uma única imagem é criada.

O núcleo da Terra, constituído essencialmente por ferro e níquel, resguarda o calor residual isolado pela crosta. Em movimento de convecção, o material incandescente forma o campo magnético terrestre. Anualmente, variações de 0,2 graus mudam a posição do norte magnético aos poucos e a magnetização de minerais, como hematita e magnetita, registram em rochas a latitude de continentes ao longo da história geológica. Para os viajantes, que desde o século

XII utilizavam bússolas, têm-se como guia a barra que se direciona em conformidade com o campo magnético e cuja extremidade aponta, por convenção, ao norte. As formas geométricas presentes no trabalho de Ana Amélia Genioli, como uma nova rosa dos ventos, perfazem uma dinâmica, do mesmo modo que na natureza. Todavia, de forma acelerada, desconstrói a direção a que aponta e registra, tal como magnetita num único estrato de rocha, um outro norte, dessa vez construído por escolhas, des.norte.

Guilherme Navarro D. Tavares | 2020

Geólogo pelo Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, onde realizou pesquisas voltadas ao Patrimônio Geológico. Pós-graduando pelo SENAC, com estudos de qualidade ambiental de solos, sedimentos e águas.

des.norte: A DIALOGUE BETWEEN EARTH SCIENCES AND ART

by Guilherme Navarro D. Tavares

The trajectory of rivers and the transformation of landscapes follow the records and marks in the work of Ana Amélia Genioli. It is seen at des.norte fluid movements that results from the interaction between pigments in liquid settings and the sheet of paper that works like a screen in contrast to deliberate forms. The result is similar to drainage patterns, such as those observed in aerial, satellite or topographic maps, originated from the interaction between climate, rocks and its structures, formed over geological time.

As in rock formations, the creation processes are recorded on a macro and micro scale. The artist's original traces work as a hydrographic network, resembling what in nature would be interlaced channels, associated with regions of low vegetation cover, which resist arid climatic conditions, anthropic actions and coarse sediment input. The debate of the elements mentioned above makes up the rock cycle,

where the formation of mountain ranges, and their reduction into plains are based on the internal and external dynamics of the planet. The internal dynamics promote the subsidence and uplift of continents, in which joined with liquid water initiate a cycle of continental crust recycling. Rivers are initially installed as valleys embedded in elevated regions and as meanders in flat regions. Similarly, we can investigate and understand the path of the pigment particles in Ana Amélia's work, where observations of the details on the screens reflects a drainage pattern, sometimes dendritic, sometimes in lattice, where incisions would represent the families of fractures in the rocks, such as in gneissic outcrops. The marks embody a universalism that takes shape and, as in geology, fissures, deformations and marks of large-scale tectonic movements are registered to the smallest of scales. The convergence between forms is the result of the technique used by the artist, differing from traditional monotypic molds, that uses a glass plate and very liquid inks promoting the unpredictability of results, and later marked on the sheet of paper applied on the surface.

In geological processes, external dynamics have the task of weathering and erosion to deconstruct and transport rocks from one point to another, reducing rocks to pebbles and pebbles to grains. Every each hill that is seen, it is known that much has been taken and the rest will soon be gone. The transport is spontaneous, the lowlands have the deposition and reconstruction of the new rocks, whose grains are connected by different natural cements. The investigation of Ana Amélia's records, such as natural processes, does not show "any trace of a beginning, no perspective of an end" and observing the work becomes a reinterpretation of nature and vice versa, in interactions of a map connectable to different dimensions.

The impact of overlaps between pigments and their path, which refer to the causality between the technique used and the repetition of the process over the years, does not reduce the unpredictability of the result. As well as in erosive processes, transport agents are registered and erased, in a conflict between construction and deconstruction. However in the face of temporal gaps, a single layer registers a single time and a single image is created.

The Earth's core, consisting essentially of iron and nickel, protects the residual heat isolated by the crust. In a convection movement, the incandescent material forms the Earth's magnetic field. Annually, variations of 0.2 degrees change the position of the magnetic north little by little, and the magnetization of minerals such as hematite and magnetite register the latitude of continents in rocks throughout geological history. For travelers, who have used compasses since the 12th century, the bar that moves according to the magnetic field is used as a guide and its end point, by convention, points to the north. The geometric shapes present

in Ana Amélia Genioli's work, like a new compass rose, are dynamic, just as in nature. However, in an accelerated way it deconstructs the direction to which it points, and registers, just like magnetite in a single layer of rock, another north, this time built by choices, des.norte.

Guilherme Navarro D. Tavares | 2020

Geologist graduated at the Institute of Geosciences of the University of São Paulo, where he conducted an undergraduate thesis focused on Geological Heritage. Postgraduate student at SENAC – studying the environmental quality of soils, sediments and waters.

CARTOGRAFIAS PARA EXISTIR

por Diego Contreras Novoa

Um mapa nunca é exatamente o local que está sendo mapeado. É sempre uma representação e implica necessariamente um deslocamento.

O mapa também não pode ser concebido apenas como uma representação da fisicalidade de um espaço. Ele é sempre sígnico. Isso significa que aquilo que está sendo mapeado é um fragmento de um local determinado, mas abriga também fluxos e toda descontinuidade, incerteza e instabilidade dos sentimentos, das indagações, das narrativas e outras tantas caoticidades sígnicas que o compõem.

É disso que se trata a obra de Ana Amélia Genioli.

Em todos esses anos que a acompanho – mais de uma década –, aprendi que nunca se trata apenas daquilo que aparentemente lá está, e sim da possibilidade de explicitar as tessituras invisíveis.

O des.norte, como diz a própria artista, é uma vontade de resistir. Não é uma obra apaziguada, desgarrada da política. A sua ação mais engajada talvez seja a de conectar olho, tato e movimento de modo a despertar o corpo de quem está diante das imagens.

Tecnicamente, poderíamos dizer que são rosas dos ventos sobre monotipias. Mas não são. O que salta aos olhos é o movimento que extrapola as setas e os gráficos que lá estão.

E que movimento é esse que perfura as espacialidades?

As manchas com pigmentos lembram os fluídos do corpo.

Não é por acaso.

É o corpo que intensifica os processos, gerando modos de agir e conhecer. E o que me parece importante nessa experiência é que nada está isolado.

Não é apenas um local, mas o atravessamento de espacialidades.

Não é um sentimento próprio, mas um fluxo.

Nunca é só imagem. As materialidades com as quais Ana Amélia lida o tempo todo são imagens-estados-movimentos ou imagens-sentimentos-pensamentos.

Neste sentido, a representação cartográfica nunca se restringe ao que supostamente está sendo mapeado.

Não é uma coisa mapeada, mas um fluxo de experiência.

Lugar não é apenas lugar.

Corpo não é só (um) corpo.

Isto me leva a pensar que pigmentos, gráficos e setas, de certa forma, são inoperantes na obra de Ana Amélia.

Eles partem de suas funções habituais, mas, no processo, complexificam-se, transformando-se em operadores de espacialidades cujas funções não estabelecem o cumprimento de tarefas dadas a priori, mas abrem novas trilhas.

É importante notar que há também muitas cidades nessas cartografias propostas por Ana Amélia. São cidades visíveis na imaginação, uma vez que conectam a vivência de ter estado lá com emissões de possibilidades que se derramam também sobre nós.

Afinal, é provável que esta cartografia que emerge do projeto des.norte sirva para que a gente não se acostume.

Para que continue sendo possível perceber a potência da mudança.

Para que ainda faça sentido acreditar na força de um espaço de ressonância que dê passagem a outros acontecimentos.

Resistir, nesse contexto, deixa de ser apenas uma esperança longínqua.

É um levante poético que cartografa campos de ação e dá sentidos à vida.

Christine Greiner

Christine Greiner é Professora livre-docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, onde leciona disciplinas no curso de graduação em Artes Corporais e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, no qual coordena o Centro de Estudos Orientais. É autora de vários livros e ensaios sobre corpo e cultura japonesa, publicados no Brasil e no exterior, entre eles, *O Corpo, pistas para estudos indisciplinados* (Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012) e *Fabulaciones del cuerpo japonés y sus microactivismos* (Agência Editorial Zettel, 2019).

CARTOGRAPHIES TO EXIST

By Christine Greiner

A map is never exactly the place that is being represented. It is always a representation, and necessarily implies some displacement.

A map cannot be conceived only as a representation of the physicality of a space. It is always a sign. This means that what is being mapped is a fragment of a certain place, but it also contains flows and all the discontinuity, uncertainty and instability of feelings, questions, narratives and so many chaotic sign-related aspects that compose it.

This is what Ana Amélia Genioli's work is about.

In all these years I have been with her – for more than a decade – I have learned that it is never just about what is apparently there, but about the possibility of making explicit invisible fabrications.

The des.norte, as the artist poses it, is a desire to resist. It is not an appeased work, detached from politics. Its most engaged action is, perhaps, to connect the gaze, touch and movement in order to awaken the body of those who are in front of the images.

Technically speaking, we could say that they are wind roses over monotypes. But they are not. What stands out is the movement that extrapolates the arrows and graphics that are there.

And what type of movement that drills spatialities is this?

Pigmented stains resemble body fluids.

It is not by chance.

It is the body that intensifies the processes generating forms of acting and knowing.

What seems important to me in this experience is that nothing is isolated.

It is not just a place, but the act of crossing spatialities.

It is not a feeling of its own, but a flow.

It is never just an image. The materialities that Ana Amélia deals with all the time are images-states-movements or images-feelings-thoughts.

In this sense, cartographic representation is never restricted to what is supposedly being mapped.

It's not something mapped, but a flow of experiences.

Place is not just place.

Body is not just (one) body.

This makes me think that pigments, graphics, and arrows are somehow inoperative in Ana Amélia's work.

They depart from their usual functions, but in the process, they become more complex, operating spatialities whose functions do not establish the fulfillment of tasks given a priori, but open new paths.

It is worth pointing out that there are also a lot of cities in these cartographies proposed by Ana Amélia.

Cities that are visible in imagination, since they connect the experience of having been there with emissions of possibilities that also spill over into us.

After all, it is likely that this cartography that emerges from the des.norte project will not let us get accustomed.

So that it remains possible to perceive the power of change.

So that it still makes sense to believe in the strength of a space of resonance that gives way to other events.

To resist, in this context, is no longer just a distant hope.

It is a poetic uprising that maps fields of action and gives meaning to life.

Christine Greiner

Christine Greiner is a Ph.D. professor at the Pontifical Catholic University of São Paulo – PUC-SP, where she teaches subjects in the undergraduate course in Body Arts, and in the Postgraduate Studies Program in Communication and Semiotics, in which she coordinates the Center for Oriental Studies. She is the author of several books and essays on body and Japanese culture, published in Brazil and abroad, “O Corpo: pistas para estudos indisciplinados” (Coimbra: Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012) and “Fabulaciones del cuerpo japonés y sus microactivismos” (Buenos Aires: Agencia Editorial Zettel, 2019), among them.